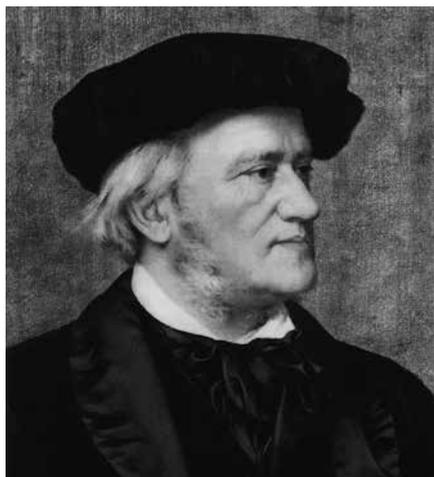


A Revelação de Wagner

Um percurso pela história da vida de Richard Wagner em um prólogo e três jornadas, na comemoração do bicentenário do seu nascimento por Eugénio Harrington Sena

Richard Wagner - imagem do Museo internazionale e biblioteca della musica di Bologna



8 de janeiro

Prólogo: 1813-1833 – os anos de infância e de juventude: a poesia antes da música.

15 de janeiro

Primeira Jornada: 1834-1849 – os anos de instabilidade: maestro, compositor, casamento e revolução.

22 de janeiro

Segunda Jornada: 1849-1864 – os anos de exílio: a criação intelectual e a descoberta de Schopenhauer. O Anel, Mathilde e o Tristão.

29 de janeiro

Terceira Jornada: 1864-1883 – os anos de maturidade: Ludwig, Cosima e Bayreuth; paixão, devoção e utopia.

O que faz a singularidade de Richard Wagner é o génio que se revela para lá da música, a marca que o distingue de todos os outros grandes compositores da história. É a sua impressionante energia criativa que leva Wagner a refletir e a escrever sobre

praticamente todos os assuntos: arte, religião, política, filosofia, ciência, tecnologia e até sobre a relação do homem com a natureza. É por isso que os seus dramas musicais penetram no mais profundo do ser humano revelando-nos, quiçá, a transcendência da nossa relação com o universo. É por isso que a influência da sua obra se fez sentir de uma maneira única em grandes nomes de áreas fora da música como Baudelaire, Kandinsky, Lévi-Strauss ou Nietzsche e ainda hoje o seu fascínio seduz grandes filósofos como Alain Badiou e Slavoj Žižek. E, no entanto, talvez não haja outra personalidade artística tão negativamente conotada e sobre a qual caíram tantos preconceitos que impedem, muitas vezes, a aproximação à sua obra. Propomo-nos contar a história da vida de Wagner mostrando como ela se foi desenrolando numa alucinante viagem onde o compositor partiu da poesia para a obra de arte total, a *gesamtkunstwerk*, a obra de arte do futuro, à qual renunciou depois de ter descoberto Schopenhauer.

Segunda Jornada: 1849-1864 – os anos de exílio: a criação intelectual e a descoberta de Schopenhauer. O Anel, Mathilde e o Tristão.

Tenho agora estado exclusivamente preocupado com um homem que – embora apenas sob a forma literária – entrou na minha vida solitária como uma dádiva do céu. É Arthur Schopenhauer, (...) Como nunca na minha vida eu vivi a verdadeira felicidade do amor, tenciono erguer um monumento ao mais maravilhoso dos sonhos; um monumento onde esse amor será convenientemente saciado do princípio ao fim: planeei na minha cabeça um Tristão e Isolda, a mais simples, mas a mais sensual e vigorosa conceção musical.

R. Wagner em carta a F. Liszt, 1854

Nesta segunda jornada, começamos por ver a influência de Wagner na vida musical de Zurique, a cidade do exílio, onde concebeu o modelo teórico que o guiaria na sua produção artística futura e que se traduziu na escrita de quatro ensaios entre 1849 e 1851: *A Arte e a Revolução, A Obra de Arte do Futuro, Opera e Drama e Uma Comunicação aos meus Amigos*. Pelo meio escreveria *O Judaísmo na Música*, o seu escrito antissemitico que, ainda hoje, é o centro da polémica à volta do seu nome. Cinco anos depois de ter composto *O Lohengrin*, inicia em 1853 a composição musical de *O Anel do Nibelungo* após ter concluído o seu poema completo. Será sob a influência da filosofia de Schopenhauer que interrompe a composição do Anel, no fim do 2.º ato do *Siegfried*, para se dedicar ao *Tristão e Isolda*, inspirado pela única musa da sua vida: Mathilde Wesendonck. O fim do exílio de Zurique, em 1858, deve-se ao fim da sua relação com Minna, a mulher de quem nunca se irá divorciar. Nos cinco anos seguintes, viverá exilado um pouco por toda a Europa, dirigindo concertos para sobreviver e fugindo, como habitualmente, aos credores.

Eugénio Harrington Sena é licenciado em Engenharia Química e tem uma pós-graduação em Gestão das Artes. Foi diretor técnico da Culturgest entre 1993 e 2010 tendo desempenhado anteriormente diversas funções na Companhia Nacional de Bailado e no Teatro Nacional de São Carlos. Lecionou em cursos de Gestão Cultural e foi produtor, conferencista e encenador, na área de “óperas para crianças”. É um dos sócios fundadores do Circulo Richard Wagner Portugal.

eugenio.hsena@gmail.com

CONFERÊNCIAS TERÇAS-FEIRAS 8, 15, 22, 29 DE JANEIRO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

A gravação desta conferência estará disponível no site www.culturgest.pt



FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest